OSVALDO MATSUDA

PIDYÁ

São Paulo
Osvaldo Koji Matsuda
2024

PIDYÁ

Copyright © 2024 by Osvaldo Matsuda (Osvaldo Koji Matsuda)
O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor, proprietário do Direito Autoral.
Proibida a venda e reprodução
parcial ou total sem autorização.

São Paulo, 01 de julho de 2024.
Capa, Diagramação, Ilustração, Arte e Revisão - Osvaldo Matsuda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Matsuda, Osvaldo
Pidyá / Osvaldo Matsuda. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2024.

ISBN 978-65-01-07811-3

1. Contos brasileiros I. Título.

24-214841 CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

COMENTÁRIOS

PIDYÁ é mais ou menos o som de uma palavra do dialeto da Ilha de Okinawa/Japão. Esta palavra foi trazida, oralmente, para o Brasil por imigrantes japoneses provenientes daquele local. Atualmente o dialeto está em desuso na Ilha de Okinawa. Mas ainda ouvimos palavras serem pronunciadas, pelos seus descendentes, aqui no Brasil e de maneira informal.

É o resquício de um antigo dialeto, muito usado antes da segunda guerra mundial que os *okinawanos* chamavam de *utinagô*.

PIDYÁ significa cabrito.

Alguns acontecimentos são embasados em fatos, mas esta é uma obra imaginária.

São Paulo, 08 de janeiro de 2021.
Osvaldo Matsuda

SUMÁRIO

Capítulo I 1932.....5
Capítulo II 1933.....9
Capítulo III 1939.....19
Capítulo IV 1944.....23
Capítulo V 1949.....29
Capítulo VI 1951.....35
Capítulo VII 1960.....41
Capítulo VIII 1962.....47
Capítulo IX 1966.....55
Capítulo X 1973.....65
Capítulo XI 1977.....71
Capítulo XII 1984.....75
Capítulo XIII 1989.....81
Capítulo XIV 1990.....85
Capítulo XV 1992.....91
Capítulo XVI 1993.....95

CAPÍTULO I – 1932



Era ano de 1932. Dia 27 de junho.

E o Porto de Santos recebia mais um navio de imigrantes.

Desta vez era um navio de imigrantes japoneses. Nome do navio: Manila Maru.

Os passageiros iam desembarcando em grupos com suas bagagens.

Seguiam em direção ao setor de imigração.

Após os trâmites burocráticos eram liberados para seguirem aos seus destinos neste novo país.

Vestiam-se diferentes das pessoas presentes no porto, embora já se utilizassem de modelos europeus.

Falavam em línguas desconhecidas.

Mas havia outros, talvez parentes ou amigos que os ciceroneavam, estes já se comunicavam em português e se vestiam parecidos com os demais.

Estes novos imigrantes tinham um comportamento muito diferentes dos demais que por ali se encontravam.

Era possível notar uma grande diferença contextual e cultural.

Mas todos pareciam, a seu tempo, querer que tudo se ajeitasse da melhor maneira possível.

Era um novo tempo.

Um primeiro momento.

Um primeiro contato.

Tudo muito estranho.

Foram se afastando do lugar de desembarque para um local onde havia um carregador de malas.

Ajeitados as malas, foram seguindo em direção a um veículo que os levaria para uma casa ali próximo.

Permaneceriam na cidade de Santos.

Os imigrantes pousariam na cidade e dia seguinte seguiram a um rumo já agendado.

Por sorte a pousada onde ficariam era também de japoneses o que facilitava a comunicação, alimentação e a adequação ao espaço de terra firme; depois de tanto tempo no mar.

Foi uma aventura.

Uma grande aventura.

Mas chegaram sãos e salvos ao destino.

Talvez devido se acostumarem as agruras da vida, os novos imigrantes se adaptaram rapidamente a nova condição que se apresentava.

Estavam preparados.

Tinham energia para seguir adiante.

Tinham esperanças de alcançar o objetivo traçado.

Amanhã seria um outro dia.

Um novo dia.

Uma nova perspectiva.

E logo descansavam da longa viagem.

Eram várias famílias que permaneciam juntos e seguiriam para uma mesma região.

Tudo era novidade para o menino que chegava a esta estranha terra sem saber o que esperar.

Mas o pai do menino sempre o orientava a tomar bastante cuidado, afinal era um mundo desconhecido para toda a família.

Era um novo mundo com muita terra para explorar e conseguir riqueza.

O pai dizia a ele que era preciso ficar todo mundo junto e ele como o filho mais velho precisava ajudar a cuidar dos irmãos mais novos.

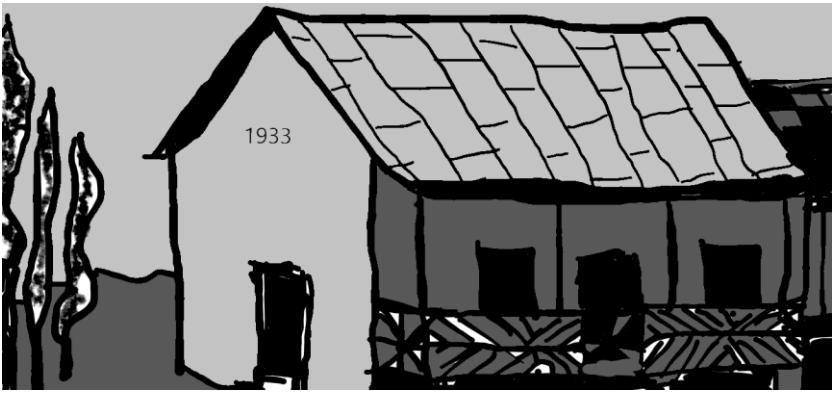
Era importante manter a família unida.

O menino acedia.

O menino acedia, embora não entendesse.

O menino simplesmente acedia.

CAPÍTULO II – 1933



— Acorda! Acorda!

— Onde estou?

— Onde sempre esteve.

— Onde estou?

— No Brasil.

— Que Brasil?

— De navio você veio ao Brasil.

— Que navio?

— Só sei que num navio você veio ao Brasil.

— Vou descobrir o que vim fazer no Brasil?

— Vai descobrir.

— Ouvi dizer que “plantando tudo dá”.

— É e não é.

— Meu pai sabe como cultivar a terra.

— Sim, é uma grande vantagem.

— Já estamos tentando entender este país.

— Mas não é tão simples.

— Não ficaremos no Brasil para sempre.

— Será?

— É ganhar um bom dinheiro e voltamos para o nosso lugar.

— Muitos pensaram assim muito antes e ainda não voltaram. Continuam no Brasil.

— Sim.

— Pensar em voltar...

— Alguns voltaram.

— Pode ser.

— Outros foram para outros países.

— Foram.

— Temos um sonho.

— Não é o teu sonho.

— É sim.

— O sonho é de seu pai.

— Meu também.